Navalha, preconceito e reabilitação da capoeira

https://doi.org/10.56238/levv15n39-194

Mauro Alexandre Farias Fontes
Doutor em Arqueologia (UFPE)
Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF
E-mail: mauro.farias@univasf.edu.br

Nicolas Catalani Zamboni Kiekebusch
Discente em Arqueologia e Preservação Patrimonial (UNIVASF) e em História (UNIASSELVI)
E-mail: nicolas2002czk@gmail.com

RESUMO
No início do século XX, no Rio de Janeiro, houve uma grande mobilização para metodizar e tornar a capoeira o esporte nacional. Assim, buscou-se fazer uma contraposição entre essa capoeira regrada, a Gymnastica Nacional, e a capoeira de rua, a capoeira carioca. Para isso, foram lidos alguns pesquisadores da história da capoeira no Rio de Janeiro, depois, comparando os dois manuais da Gymnastica Nacional, o Guia do Capoeira e o Gymnastica Nacional, e diversas matérias de jornal e revista buscando entender o discurso trazido, corroborou-se com o quealguns pesquisadores já haviam pontuado. Desta forma, indo um pouco além do que já foi dito, percebeu-se que a Gymnastica Nacional excluiu muitos dos elementosda capoeira carioca tradicional em uma tentativa de fugir do racismo.

Palavras-chave: Capoeira, Cultura, Racismo.

1 INTRODUÇÃO

A palavra “capoeira” tem muitos significados, um deles é o jogo-luta brasileiro de origem é incerta que, quase consensualmente, foi criação dos africanos escravizados no país combinando várias lutas que praticavam na África (ANJOS, 2003).A capoeira foi perseguida e reprimida ao longo de todo o século XIX no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Porém, em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, algo inusitado ocorreu, os alunos de elite de lá começaram a praticar esse jogo de escravizados(FIGUEIREDO, 2011).

Com a Guerra do Paraguai, os capoeiras do Rio de Janeiro são enviados para lutar e retornam como heróis nacionais e não como elementos perigosos a serem eliminados pela polícia. Assim, Duque-EstradaTeixeira,proeminente político, capoeirista e ex-estudante do Largo do São Francisco, aliou-se aos capoeiras da Glória tornando-os o braço armado do Partido Conservador acionado nas eleições, criando a infame Flor da Gente edando início à tradição política que durou até a Proclamação da República (SOARES, 1993).

Quando a República foi proclamada, Sampaio Ferrazfoi posto no cargo de Chefe de Polícia e a capoeira, pela primeira vez, passou a estar no código penal como crime, então Sampaio deu início a uma verdadeira caçada à capoeira e realizou várias prisões políticas querendo apagar os últimos resquícios da política imperial. Apesar de não a eliminar das ruas, ele deu fim à prática das maltas[1] como meio de fazer política no Rio de Janeiro tão intensamente como fora no Império (SOARES, 1993; LUSSAC, 2016).

Enfim, no início do século XX, começa a ganhar força uma mudança de pensamento que culminou na legalização da capoeira na Era Vargas, ao não mencioná-la no Código Penalde 1940 (LUSSAC, 2016), essa mudança iniciou justamente na Academia de Direito do Largo do São Francisco e na Guerra do Paraguai.Percebe-se tal pelo fato de que alguns militares que tiveram contato com a capoeira nessa guerra, vão defender seu ensino nos quartéis, como o General Couto de Magalhães, graças a sua eficiência como luta (SOARES, 1993).Enquanto, outros alunos da Academia de Direito, inclusive o general, defenderiam a capoeira como um ótimo esporte, Duque-Estrada diria que ela fora estragada pela navalha, pois um verdadeiro capoeirista não precisava de uma arma, apenas do seu corpo (CUNHA, 2011).

É curioso notar que essa posição de Duque-Estrada foi repetida por alguns defensores da capoeira no século XX, como na primeira entrevista com o mestre Raphael Lóthus:

[1]Maltas, conforme o Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa é um “bando de pessoas de má fama e/ou má índole; corja, súcia” (FRANCO; HOUAISS; VILLAR, 2015, p. 611). A chamada malta de capoeira, segundo Carlos Eugênio (1993, 1998), é a antiga designação dada aos grupos de capoeiras, de início como coletivo, depois, uma organização hierarquizada que controlava determinada freguesia da cidade do Rio de Janeiro, defendendo-a e disputando território com as outras maltas.

> Mas por que baniram a capoeiragem? Só porque ella se generalisou, servindo para exercícios de desordeiros, que, mestres no jogo, desarmavam os nossos antigos guardas-urbanos, com um rabo de arraia ou porque juntavam a esses conhecimentos o manejo da navalha (O QUE É A CAPOEIRAGEM?..., 1916, p. 2).

Ademais, a revista Kosmosdiria que a capoeira "é por excelência e na essência defensiva" (A CAPOEIRA, 1906, p. 57) e Coelho Neto, em Nosso Jogo, escreveu: "O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando saia de um turumbamba" (MILANI, 2005, p. 1).Tão curioso quanto o argumento de Duque-Estrada estar presente nos jornais décadas depois, é o fato do jornal A Noiteter escrito que a capoeira era o esporte nacional, que criminalizá-la foi errado e que a capoeira é a ginástica mais adequada para o brasileiro (O QUE É A CAPOEIRAGEM?..., 1916, p. 1),ainda que um ano antes, tenha comemorado os guardas civis estarem aprendendo jiu-jitsu, pois a capoeira estava "fora de moda e adulterada" (OS GUARDAS, 1915, p. 3, grifo nosso).

Em 1926, após destacar capoeiras da elite, inclusive o responsável por trazer as maltas para a política, o Duque-Estrada Texeira (SOARES, 1993), o jornal A Noite n° 5105 diria:

> O que tornou a capoeiragem antipathica foi a navalha dos que entraram nas maltas, não como valentes, mas como assassinos. Essa arma infame, que fére sem dó, não era vista em mãos dos mestres. "Manduca da Praia", "Boca Queimada", "Trindade", Augusto Mello, José Caetano, Braga Dr., "Caixeirinho" e outros heróes jamais se serviram de ferro nas suas lutas. Os que manjavam a "sardinha" eram os da laia do "Grego das Ostras", Braga Piloto, Benjamin, Cardosinho e outros sicarios que appareciam principalmente em épocas eleitoraes. (GYMNASTICA..., 1926, p. 9).

Demonstrando algo recorrente em diversas reportagens da época, as eleições no Império como fonte da violência doscapoeiras, gerando a associação da capoeira à criminalidade, enquanto destacavapraticantes da elite, inclusive o responsável por dar início a essa prática. Mais do que conciliar esses dois opostos, a justificativa para essa verdadeira campanha em prol da "reabilitação" da capoeira está no primeiro artigo promovendo o mestre Raphael Lothus:

> Todos os grandes povos que possuem um systema de gymnastica ou cultura physica peculiar, puramente nacional, a elle dedicam especial carinho. Que é a gymnastica sueca, sinão uma prova disso?
>
> Os russos têm até o ministério das gymnasticas. Na Allemanha são freqüentes os certaniens sportivos e os modelares departamentos de gymnastica são impulsionados e frequentados pelo próprio kaizer. Na Inglaterra a gymnastica, a cultura physica é uma idéia fixa. E o Brasil? O Brasil, possuindo a rainha dasgymnasticas, a africana-indu'-brasileira, que é dessa composição que se fez a capoeiragem, persegue-a. (O QUE É A CAPOEIRAGEM?..., 1916, p. 2).

Em outras palavras, todos os povos que o Brasil se empenhava tanto para se alinhar tinham uma ginástica própria, o Brasil tinha a sua, a capoeira, mas insistia em não valorizá-la, perseguindo-a, ela devia ser a prática dos brasileiros, não o jiu-jitsu japonês, o boxe inglês, a savate francesa ou o pau português, assim o Brasil poderia se aproximar das grandes nações.

Nesse contexto, surgem alguns manuais de capoeira, tendo como foco do trabalho a capoeira carioca, isto é, aquela praticada no Rio de Janeiro que tinha especificidades próprias, diferenciando-a da capoeira baiana, que daria origemàs capoeiras regional e angola, o foco será nos manuais dessa extinta capoeiragem, oGuia do Capoeira ou Gymnastica Brazileirae o Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada por Aníbal Burlamaqui (Zuma).

O mais antigo manual da capoeira conhecido, oGuia do Capoeira, foiescrito em 1885 e republicado em 1907,teve auxílio e consultoria do mestre Terror eo autor é anônimo, onde seria seu nomesó há O.D.C. (Ofereço, Dedico e Consagro à Distinta Mocidade) (GUIA..., 1907), mas Jair Moura (2009) identificou-o como Garcez Palha, capoeira oficial da Marinha.O Guia do Capoeira é um guia básicoque descreve as posições iniciais equatro negaças, istoé, os ardis usados em combate para o oponente e poder acertá-lo, depois vem alguns golpes, “tapa”, “pé”, “rasteira antiga”,“rasteira moderna”, “punho” e “tocar”, asformas de se defender desses e, enfim, algumas combinações possíveis, as pancadas afiançadas (GUIA..., 1907).

Este manual apresenta,na introdução, uma explicação ao leitor sobre o que é a capoeira e, antes da parte chamada de “Ao Leitor”, há uma nota do editor, “Attenção”, onde o editordiz não ser o autor e que este é um distinto oficial do exército brasileiro. Destaca-se que nessa parte, o editor escreveu: “ensinando à qualquer pessoa defender-se de possíveis agressões sem o auxílio de armas e só com os recursos naturais dos braços, cabeça e pés” (GUIA..., 1907, p. 1).

O Guia do Capoeira só possuía um exemplar conhecido, que se encontrava na Biblioteca Nacional, mas que sumiu misteriosamente. Felizmente, Zuma entrou em contato com a obra antes dela ser extraviada e conseguiu datilografá-la, mas sem poder copiar as figuras. Em 1960, Zuma a entregou a Lamartine Pereira da Costa, que passou a outros pesquisadores, que, nos anos 80, fizeram uma reedição do livro com o acréscimo de imagens do livro de Lamartine, Capoeiragem: A arte de defesa pessoal (GUIA..., 1907).

Já o Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada por Aníbal Burlamaqui (Zuma) buscou uma maior abrangência dos golpes de capoeira, listando 28 golpes, três do autor e sem contar uma ou outra variação de um mesmo golpe, também apresentou a guarda, a peneiração[2], algumas formas de tapeação[3], e como se defender e contra-atacar para cada um dos golpes, alguns dos golpes, inclusive retirados do samba duro e do batuque[4] conforme o próprio manual (BURLAMAQUI, 1928).

[2]Tanto a guarda como a peneiração serão explicados no decorrer do artigo.
[3] Tapeação é o ato de tapear, que por sua vez é “enganar o adversário” (SOARES, 1993).
[4]Samba duro é “samba de queda, um samba de batuque – é mais pesado. É um samba de homem, é sambando e derrubando” (ABREU, 2014, p. 27), enquanto batuque não se refere ao “termo genérico – batuque -, outrora aplicado indistintamente para todas as manifestações afros, que se expressavam combinando, principalmente, percussão com dança (ABREU, 2014, p. 13), mas a luta batuque da pernada carioca, “irmã gêmea do batuque-luta” (ABREU, 2014, p. 13) baiano, uma luta focadanas quedas.

Além da parte destinada aos golpes e às defesas, há uma parte do livro sobre a história da capoeira, na segunda são algumas considerações sobre o esporte, onde há mais do discurso dos entusiastas da capoeira comparando-a a outras lutas nacionais e o motivo do preconceito contra a capoeiragem ou, melhor, contra a Gymnastica Nacional, a terceira é sobre as regras criadaspor Zuma e na quinta e última apresenta exercícios principalmentepara desenvolver as capacidades físicas para ter um melhor desempenho nas lutas (BURLAMAQUI, 1928).

É importante ressaltar que, como Côrrea e Silva (2020) perceberam, o manual de Zuma contém fortes influências de outro capoeira, Raphael Lóthus, influência tão forte que o texto do início do manual foi copiado da reportagem sobre a entrevista desse mestre feita pelo jornal A Noite de 1916, pode-se supor que Zuma é o escritor do artigo, uma vez que este não contém o nome do autor, porém ele teria escrito aos seus dezessete ou dezoito anos de idade, enquanto o manual foi publicado em 1928, doze anos depois, assim ressalta-se que, no iníciodo livro, Zumadisse: “Ao escrever este livro, não tive nem a preoccupação de fazer litteratura, pois me falta mérito para isso, nem tampouco ser original” (BURLAMAQUI, 1928, p. 6).

2 METODOLOGIA

O trabalho foi feito em três etapas, a primeira foi uma revisão bibliográfica de livros de pesquisadores como os de Jair Fernandes de Moura e de André Luiz Lacé Lopez, dissertações e teses, como as de Ricardo Martins Porto Lussac e de Carlos Eugênio Líbano Soares, onde buscou-se compreender o contexto da capoeiragem no Rio de Janeiro entre 1850 e de 1950.

A segunda etapa consistiu em uma análise comparativa de dois manuais da capoeira carioca, o Guia do Capoeira e o Gymnastica Nacional, comparando os movimentos e golpes de cada um deles e o discurso presente em suas respectivas introduções. Por fim, a terceira etapa foi à leitura de algumas matérias de jornais e revistas da época que abordaram a capoeira, sendo localizadas por meio do buscador da Hemeroteca Digital. Para essa pesquisa, foi selecionado o jornal A Noite e a Revista da Semana, outrossim buscou-se as palavras “capoeira”, “capoeiras”, “capoeiragem”, “arraia”, “rasteira” e “cabeçada”, termos comuns e frequentes nessas matérias.

Destarte, foi analisado o discurso trazido nesses jornais e comparado ao que foi escrito nos manuais, bem como na crônica Nosso Jogo de Coelho Neto encontrada no site Portal Capoeira e no artigo A Capoeira da Revista Kosmos, a fim de entender como a capoeira era percebida pela elite e o que a sua sistematização representava de fato, corroborando com e aprofundando o que alguns pesquisadores já pontuaram.

3 DESENVOLVIMENTO

Apesar de a imprensa da época dar a ideia de que a capoeira era repudiada pela sociedade generalizadamente, sua "constante presença nos festejos religiosos e a integração ao jogo político durante o Império militam no sentido contrário, permitindo a conclusão de que havia alguma aceitação da capoeiragem em diversos segmentos do povo" (LUSSAC, 2016, p. 166).Com a Proclamação da República, conforme Lussac (2016), inicia-se verdadeiro projeto para modernizar o Brasil e, principalmente, o Rio de Janeiro, capital e exemplo do país. Assim, perseguiu-se tudo o que não devia terno Brasil do futuro, a "cidade, fundada, um dia para expulsar franceses, resolveu ser francesa para esconder que era profundamente africana e lusitana" (SIMAS, 2019, p. 102).

Dessarte, o que já era perseguido no Império sem constar na lei, foi proibido, em especial as práticas negras, como a capoeira, mas não só, se no Império um negro podia ser preso por estar parado na rua mesmo sem lei que proibisse, na República Velha isso eraum crime, o crime de vadiagem. É nesse contexto de intensa repressão àquilo que era negro que, em um país laico, cria-se precedente legal para perseguir religiões que não agradavam a elite, as religiões de matriz africana tornam-se crime de charlatanismo e curandeirismo (LUSSAC, 2016).

Compreende-se facilmente o porquê de o autor do Guia do Capoeira ter deixado sua obra anônima, ainda que escrita em 1885 e, nessa época, haver alguns militares de alta patente querendo colocar a capoeira dentro de seu meio. Mesmo que a data seja quatro anos anterior a Proclamação da República, não foi de repente que a elite brasileira decidiu que certas práticas deveriam ser extirpadas, como a própria capoeiragem, vale citar trecho da edição 89 de 24/06/1888 do jornal A Constituição apresentado por Mônica Beltrão:

> Horrível é a tal capoeiragem dos negros libertos, escravos e mulatos, os quaes constituem uma sociedade de assassinos da espécie mais singular. Elles percorrem as ruas como possessos por saciar o instincto sanguinario invencivel e matão o primeiro que encontrão, seja homem de côr, branco, brazileiro, estrangeiro, somente para derramar sangue. (BELTRÃO, 2020, p. 39).

Apesar do anonimato, sabe-se que era militar e que a presença dos capoeiras no Exército é antiga, desde o início do século XIX. O Major Vidigal Nunes, braço direito do Intendente Geral de Polícia e capoeira temido por sua destreza,foi o primeiro a usar do recrutamento compulsório enviando capoeiras presos para lutar na guerra no Sul, essa prática pontual do major, foi amplamente utilizada pelo Chefe de Polícia Eusébio de Queiroz (SOARES, 1998).

Infelizmente para Eusébio, alguns dos capoeiras perceberam que era vantajoso entrar na Guarda Nacional e passaram a fugirem da polícia quando pegos em flagrante e entrarem na Guarda para não serem presos (SOARES, 1998). Essa presença dos capoeiras nas forças militares foi aumentada ainda mais quando houve a Guerra do Paraguai, momento em que no Rio de Janeiro quase não houve prisão, boa parte foi recrutada para a guerra (SOARES, 1993).

A capoeira em 1885 já era prática de muitos militares, com o fim da Guerra do Paraguai, muitos capoeiras vão causar “desordens” vestindo a farda e ostentando medalhas (SOARES, 1993). Assim, é importante destacar que não foi qualquer militar que escreveu o Guia, segundo o editor, foi um “distincto oficial do exército brasileiro, mestre em tôdas as armas, professor de militares” (GUIA..., 1907, p. 1, grifo nosso).

Já, Anníbal Zumalacaraguhi de Menk Burlamaqui, 43 anos após a escrita do Guia do Capoeira, publicou seu manual sem anonimato, com uma foto suae coma ajuda de um amigo, o doutor Mário Santos, um advogado, que também não se manteve anônimo, nem no prefácio que escreveu, nem na participação nas fotos dos movimentos (BURLAMAQUI, 1928).

Todavia, isso não é de se estranhar, em 18/07/1921, Mário Aleixo, já conhecido professor de ginástica a mais de 15 anos, aparecia em uma reportagem, A arte da defeza pessoal, onde demonstrou alguns movimentos presentes no seu método de defesa e contou como o desenvolveu, disseque, após a luta com Sada Myako em 1904, “adquirindo confiança nos processos nacionaes, comecei a colleccionar os esquecidos golpes da capoeiragem, em silêncio, sem que ninguém soubesse” (A ARTE..., 1921, p. 13, grifo nosso).

Em 1921, o movimento modernista já se articulava no Brasil, o projeto modernista era justamente valorizar a arte e a cultura brasileira, parar de só copiar o que era europeu.Em 1928, ano da publicação do manual de Zuma,passou-se6 anos da Semana de Arte Moderna e publicou-se o Manifesto Antropofágico, que pregava “devorar” a arte europeia e aproveitar o que havia de melhor, dando-lhe aspectos totalmente nacionais (SILVA, 2017).Há indícios claros de como esse momento de nacionalizar o que era do Brasil foi importante para a capoeiragem, inclusivepara a própria publicação do manual de Zuma, Mário Santos escreveu no prefácio:

> Cogita-se de uma arte nacional, brasileira, da musica brasileira etc. Até mesmo da politica brasileira. E de sport nacional, fala--se? Infelizmente não.
>
> E se assim é, o livro de Zuma vale por um grito de brasilidade.
>
> É tempo já de nos libertarmos dos sports estrangeiros e darmos um pouco de attenção ao que é nosso, ao queé de casa. E depois vale a pena isso, pois a Gynmastica brasileira vale por todos os sports estrangeiros. Supera-os até (BURLAMAQUI, 1928, p. 3, grifo nosso).

Zumafoi “poeta, escritor e artista marcial carioca [...] trabalhou durante muitos anos como funcionário público estadual do antigo Estado da Guanabara, atual Rio de Janeiro, exercendo um alto cargo em uma repartição da Fazenda” (CÔRREA; SILVA, 2020, p. 147). Novamente, não se trata de alguém pobre, mas alguém, senão da elite, próximo a ela.

Zuma, além de funcionário público, foi conhecido e elogiado na imprensa por suas lutas, era um “hábil boxeador” (CÔRREA; SILVA, 2020, p. 151), ele próprio disse: “o boxe pratico com bastante constancia, pois quero conhecel-o não só para a minha defesa pessoal mas para conhecer os mais

recônditos segredos que este bello jogo tem" (BURLAMAQUI, 1928, p. 14).Além do boxe, também praticava ginástica sueca desde os 10 anos e a primeira luta que aprendeu foi a luta greco-romana aos 18(BURLAMAQUI, 1928), Côrrea e Silva (2020) também afirmaram que Zuma sabia jiu-jitsu, uma das lutas que recomenda a prática, junto com outras lutas e ginásticas que ele próprio praticava (BURLAMAQUI, 1928).

Ironicamente, Mário Santos escreveu em seu prefácio o "seu autor não é litterato; não é doutor, não é bacharel" (BURLAMAQUI, 1928, p. 3) e o próprio Zuma, no manual, escreveu que não tinha mérito para fazer literatura, mas, na década de 30, por influência de Moacir de Almeida, grande poeta da época e seu amigo que morreu em 1924 aos 23 anos, escreveu os livros Tédio e Noite, em 1939, publicou Meu Delírio e, em 1950, escreveu seu último livro, Babel de Emoções (CÔRREA; SILVA, 2020).Também foi na década de 30 que Zuma entrou no quadro social acadêmico do Cenáculo Fluminense de História e Letras de Niterói, do qual foi presidente de 29/05/1955até 28/12/1957 (CÔRREA; SILVA, 2020).

Zuma morreu aos 67 anos em agosto de 1965, contribuindo com a história da capoeira, inclusive comoum dos responsáveis pelo início do movimento que viria a oficializar a capoeira, a Luta Brasileira, como forma de pugilismo, sendo fundado em 05/11/1933 o Departamento de Luta Brasileira da Federação Carioca de Boxe e,em 04/11/1936, foi criado o Departamento de Luta Brasileira da Federação Paulista de Pugilismo(CÔRREA; SILVA, 2020).É inegável a contribuição de Zuma para a capoeira, ainda mais tendo em vista sua grande influência na capoeira regional, como bem demonstrou Lacé (2002) e Côrrea e Silva (2020), inclusive esses autores apontam o fato de que o nome Gymnastica Regional Baiana não é uma contraposição a capoeira angola, também baiana, mas a Gymnastica Nacional, a capoeira da elite carioca.

A chamada Gymnastica Nacional é a capoeira desenvolvida por Zuma, capoeira presente no Guia do Capoeira e nos métodos de Mário Aleixo e de Raphael Lóthus, foi a capoeira de Sinhôzinho (Agenor Moreira Sampaio), Jayme Ferreira e tantos lutadores que apareceram nos jornais durante a década de 30, uma capoeira que acaba por se diferenciar da capoeira carioca, a capoeira de rua do Rio de Janeiro.

Desses, é importante, outra vez, destacar oRaphael Pereira da Silva, vulgo mestre Raphael Lóthus, um "pardo de grande estatura física e de temperamento forte" (CÔRREA; SILVA, 2020, p. 182), carioca nascido seis anos antes da Lei Áurea e morador da comunidade Morro do Céu, Niterói. De início, trabalhou no controle de pragas, ofício que abandonou em 1914 para se dedicar ao ensino sistematizado de capoeira, que chamou justamente de Gymnastica Nacional(CÔRREA; SILVA, 2020).

Quando Conde Koma desafiou Lóthus em maio de 1915, ele acabou por reacender "os defensores da Capoeira como uma modalidade de luta genuinamente brasileira. Inclusive resgatou na memória dos cariocas a épica vitória do capoeirista Cyríaco sobre o japonês Sada Myako em 1909"

(CÔRREA; SILVA, 2020, p. 183).Graças a isso, apesar da luta nunca ter acontecido, Lóthus pode abrir o primeiro curso de capoeira, a Escola de Ginástica Nacional, em 1916 junto de Mário Aleixo, onde usou seus conhecimentos como educador físico e, em 1917, foi professor de ginástica sueca no Colégio Brasil, em Niterói (CÔRREA; SILVA, 2020).

Apesar do pioneirismo, Raphel Lóthus foi um personagem apagado da história e que nunca foi mencionado por quem veio depois, isso é decorrente de sua origem humilde e seu temperamento explosivo, que acabaria por levá-lo a cometer um homicídio seguido de suicídio, ele, que provavelmente aprendeu com os remanescentes das maltas, estava muito próximo dos capoeiras criminosos de quem se queria que a prática fosse separada (CÔRREA; SILVA, 2020).

Celso Vieira, em seu texto A Nobre Arte, publicado no jornal A Noite de 31/01/1935, e no qual comparou a capoeira ao box fazendo uma crítica cheia de ironia contra a hipocrisia da classe média, enquanto explicavatal posicionamento, afirmou:

> Das tavernas saiu cambaleante a nobre arte do box, porejando álcool. Não o princípio, mas a turbulência da capoeiragem, praticada nos últimos dias do segundo império, aliás, por moços de bella estirpe, foi a razão immediata do seu aviltamento, a causa do seu estigma penal. Quem pudesse methodisal-a como exercício, disciplina, generalização da cultura physica neste paiz, e fossa tomada a serio pelos médicos, pelos educadores, pelas mães de família, que a detestam, rehabilitaria o capoeira, brilhantemente, para o giro do corta-capim ou a sorte do passo da cegonha.
>
> [...]
> Mas a capoeiragem nunca se tornará physiocultura, vencendo os prejuízos da família e da classe média, sem alterações de nome e de fôrma, que a ennobreçam e desnacionalisem. Do pontapé ao football e do murro ao box há uma escala nominativa de preconceitos, reservas, tonalidades moraes para a nossa gente mesclada e susceptível.
>
> [...]
> Que os nativistas se conformem, pois, deixando ao parlamento uso do box enluvado, o estylo da pugna contundente, mas elegante, ao menos pelo aviso estrangeiro: Made in England. Por enquanto, a politica só admite os golpes da capoeiragem no sentido translato, e em verdade, nesse amplo dominio figurativo, nenhum dos seus campeões ignora á efficacia de uma rasteira ou a beleza de um escorão (PEREIRA, 1935, p. 12).

Apesar do pessimismo de Celso Vieira, graças aos esforços de inúmeros entusiastas, a elite passou a se interessar pela capoeira, assim “Sinhozinho mantém uma academia no Ipanema, destinada aos moços grã-finos que desejam ter algum motivo para se tornar valentes” (CÔRREA; SILVA, 2020, p. 175).

No final de 1931, após várias derrotas sofridas pelos capoeiras em combates contra lutadores de jiu-jitsu, Sinhozinho, movido a pedidos amigos como ele próprio contara, foi dar sua opinião aos jornalistas d’A Noite, em uma entrevista publicada em 14/11/1931:

> Os alumnos do club, é bom esclarecer, são rapazes de familias de nome acatado em nossos meios sociaes e,portanto, de posição social definida.

> São amadores que praticam a capoeiragem como um meio de defesa e que, com a mesma habilidade com que defendem um "rabo de arraia", intervém, nos salões de elite, nas palestras, onde o francez ou qualquer outro idioma é falado com desembaraço e propriedade.
>
> Esses são os alumnos que faço questão fechada de manter em minha escola.
>
> É claro, portanto, que um capoeira tirado das “elites” pela sua própria condição de homem de cultura, deve agir melhor na applicação de golpes que um outro, cujos conhecimentos não vão além da technica que, mesmo assim, é quase sempre falha (O JIU-JITSU..., 1931, p. 11).

Retomando as palavras de Celso Vieira, “quem pudesse methodisal-a como exercício, disciplina, generalização da cultura physica neste paiz [...] rehabilitaria o capoeira” (PEREIRA, 1935, p. 12), esse mesmo pensamento, mas sem o pessimismo do escritor, apareceu no número 3860 do jornal A Noite, em sua seção de esportes,que publicou uma carta datada de 31/08/1922 de um leitor logo depois de declarar que ela devia ser lida imediatamente:

> Meu caro Netto. — V., que tem sido o batalhador incansavel nesta questão de efficiencia da nossa representação sportiva no Centenário, bem podia pugnar tambem, nas columnas da A NOITE, pela realisação de uma demonstração publica das vantagens da nossa gymnastica nacional — a capoeiragem. Parecerá a muitos esquisito alguém lembrar uma cousa que já serviu de motivo para que alguns individuos (entre elles muita gente boa) fossem tomar os ares de um presidio; isso, porém, deixa de ser razoavel, uma vez que se attenda ao intuito de quem lembra o que ahi fica. Não se compreende, com efeito, que um povo que se dedica tanto aos diversos sports, abandone o sport genuinamente nacional, que, praticado com regras, é tão salutar e tão honesto como os que o mais o sejam, não tendo, aliás, as desvantagens e brutalidades de alguns, o box, por exemplo. Se V. achar digno de attenção o meu lembrete dar-lhe-ei elementos para pugnar pela causa. Amigo certo — Carioca (CAPOEIRAGEM, 1922, p. 6).

Em resposta ao Carioca, logo após a transcrição da carta, o jornal escreveu:

> Póde o gentil missivista enviar-nos os elementos que possue, porquanto somos dos que pensam que a "capoeiragem" methodisada, além de constituir um excellente sport, com todos os requisitos pára o desenvolvimento do corpo, pôde e deve ser encarada como meio de defesa. Assim como os policias japonezes, inglezes, etc. tem os seus sports próprios, nós, brasileiros, poderiamos ter o nosso, que, sendo a "capoeiragem" uma gymnastica nacional, de muito ultrapassaria em valor aquelles. Fique certo o nosso missivista que não seremos, nós os únicos a propugnar pela "capoeiragem"; no rol dos seus adeptos podem ser inseridos nomes como os de Raul Pederneiras, Alvaro Zamith, Silvio Leal da Costa, Mário Aleixo (CAPOEIRAGEM, 1922, p. 6).

Impulsionado pela mesma ânsia de Carioca, Zuma metodizou a capoeira, pois:

> A capoeiragem, como todos sabem, vem de muitos anos, porem, não tem regras nem methodo. Os que têm a felicidade de sabel-a não cogitaram, até hoje, em methodisal-a, em dar-lhe regras, em tornal-a um sport como, por exemplo, o foot-ball.
> Eu, então, brasileiro que sou, amando o que me pertence, idealisei uma regra para presenteal-a e fazel-a um sport, um exercício, um jogo emfim como veremos abaixo (BURLAMAQUI, 1928, p. 15).

O método Zuma tem fortes influências do box inglês, o próprio uniforme era semelhante ao do box,até as botas na altura do tornozelo ou sapatilhas esportivas que foram escolhidas, o que não é de se estranhar, uma vez que Zuma era boxeador(CÔRREA; SILVA, 2020).Assim, as lutas deviam ser em três rounds de três minutos com dois minutos de intervalo, em caso de empate, haveria o intervalo e mais três rounds, de modo que o tempo da luta aumentava de quinze em quinze minutos, caso não houvesse vencedor com 45 minutos de luta, seria decidido por "morte", isto é, lutar-se-ia sem descanso até restar um (BURLAMAQUI, 1928).

Já a vitória poderia ser decidida de duas formas, uma era a "queda mortal", ou seja, uma queda da qual o adversário não se levanta dentro da contagem de 10 feita pelo juiz, a segunda forma, nesse caso acordada previamente entre os lutadores, é por contagem de pontos, perderia quem levasse mais quedas (BURLAMAQUI, 1928).

As lutas em si ocorreriam em um "campo de luta" circularde onde não deveriam sair, caso ocorresse, o juiz apitaria e eles voltariam ao centro. O tamanho do campo deveria ser acordado entre os lutadores, a recomendação era 8 metros de diâmetro, com um círculo no centro de 1 metro de diâmetro e um "z" interrompido pelo círculo menor feito com quatro traços de dois metros cada(BURLAMAQUI, 1928), a justificativa para fazer esse campo de luta foi:

> Fiz este campo, não com intuito de embellezar o jogo da capoeiragem, mas para facilitar a apresentação dos jogadores (capoeiras); porque, pensei, se o foot-ball tem o campo, o box e a luta grego-romana têm a apresentação dos lutadores, está claro que a capoeiragem também a possa ter (BURLAMAQUI, 1928, p. 18).

Esta apresentação dos lutadoresdevia ser feita a partir do "z" do campo, os lutadores posicionavam-se em lados opostos nos traços paralelos do "z" e, ao comando do juiz, pulavam para se enfrentar no centro do círculo, não era obrigatória em todos os rounds, só no início, mas recomendava-se fazê-lo para os amadores para a boa ordem da luta(BURLAMAQUI, 1928).

Percebe-se que criou-se um ritual para a Gymnastica Nacional, ignorando o que já havia, pois a Gymnastica Nacional foi uma perspectiva esportiva da capoeira que "teve como característica a apropriação do saber corporal popular, modificando ou extinguindo diversos aspectos desta cultura popular" (LUSSAC, 2016, p. 343). Já que, segundo Lacé (2002), Côrrea e Silva (2020), diferente do que foi feito com a capoeira baiana por mestre Bimba quando ele criou a Gymnastica Regional e, talvez, até em certa medida, por Raphael Lóthus, a Gymnastica Nacional não foi feita por "por meio dos capoeiras, portadores da herança cultural do jogo-luta, mas sim, por esportistas" (LUSSAC, 2016, p. 343), assim a regional "para começar, [...] não abriu mão nem do berimbau, nem do canto" (LOPEZ, 2002, p. 89).

No início do século XX, a capoeira carioca não estava morta, apesar das prisões terem caído muito a partir de 1910, os capoeiras apenas se adaptaram ao novo sistema, deixaram de cultivar tanto

sua fama como os temidos homens das maltas e passaram a jogar capoeira escondido. Se a capoeira era proibida e o samba só precisava de permissão, naturalmente o samba tornou-se mais popular e se mesclou a capoeiragem (LUSSAC, 2016).

Assim, surge no Rio de Janeiro o batuque, o samba duro, a pernada carioca, entre outros nomes que foram dados.Se a elite aproveitou uma brecha na lei criando academias, pois a lei dizia que o proibido era fazer em locais públicos, nada falou sobre locais privados (LUSSAC, 2016), então, o povo carioca aproveitou de outra brecha, os exercícios proibidos eram aqueles conhecidos pelo nome capoeira, portanto passou a não ser capoeira, era pernada, era samba, era batuque. João Mina em entrevista diria: "até a polícia chegar. Aí, então, como num passe de mágica, a batucada virava samba [...] Assim que a polícia saía, o batuque continuava e os batuqueiros entravam duro na capoeiragem" (LUSSAC, 2016, p. 215).

A ligação dessas danças-lutas com a capoeira é muito clara, o artigo A capoeira da revista Kosmos de março de 1906 apresentou caricaturas de Kalixto acompanhadas de textos contando o confronto de dois capoeiras, onde tudo começou no samba e terminou com samba (A CAPOEIRA, 1906).Lussac (2016) também apresentou duas reportagens uma com capoeiras batuqueiros, do Diário da Noite, e a outra é o artigo de Paulo Várzea, Capoeiras e Capoeiragem, da Revista Criminal, nesses artigos nomeiam-se golpes, como xulipa, rabo de arraia e cabeçada que não são movimentos de queda, objetivo principal do batuque, mas são golpes de capoeira.

A partir da reportagem de Paulo Várzea, que, além de repórter, era batuqueiro e aluno do mestre Perú, Lussac (2016) vai demonstrar as diferençase características próprias de várias das lutas que deviam constituir a pernada carioca, os sambas seriam diferenciados dos batuques, uma vez que nos sambas teria a participação de mulheres, já nos batuques, apenas homens participavam do jogo, corroborando com um relato de Rudolf Hermany, conhecido aluno de Sinhôzinho(LUSSAC, 2016). Já os tipos de batuques, Lussac (2016) demonstrou que havia hierarquias, na batucada braba ou surda, só participavam os "exímios conhecedores da pernada" (LUSSAC, 2016, p. 213), sendo diferenciada de outros batuques pelo fato do cantador ser o único a cantar e o coro permanecer calado até que haja um vencedor.

Mesmo as velhas desavenças não acabaram, a Festa da Penha terminava muitas vezes em briga generalizada entre brasileiros e portugueses, os grupos carnavalescos distribuídos em bairros onde os capoeiras passaram a fazer parte repetiam os padrões das antigas maltas de capoeiras, havendo inclusive o mestre-sala, um capoeira e batuqueiro, que protegia a bandeira do grupo, e João Mina contaria na entrevista que uma desavença forçou um grupo de batuqueiros a se mudar do morro da Favela (LUSSAC, 2016).

Tendo em vista os dados levantados por Lussac (2016), de fato, apesar de "até hoje, muitos afirmam que a capoeira do Rio de Janeiro não possuía algum tipo de ritual e não era praticada com o

acompanhamento musical" (LUSSAC, 2016, p. 216), não é possível negar que a capoeira carioca tinha "seus elementos ritualísticos e musicais" (LUSSAC, 2016, p. 216), mas foram retirados da Gymnastica Nacional.O próprio Burlamaqui (1928) demonstra seu desconhecimento em relação a capoeira popular do Rio de Janeiro, uma vez que,mesmo usando golpes do batuque e do samba duro e informando quais, ele diz que são "danças antigas, ainda em uso no norte" (BURLAMAQUI, 1928, p. 29).

Para além da instrumentação e do ritual, a Gymnastica Nacional retirou, inclusive, movimentos presentes na capoeira carioca. Ao comparar o Guia do Capoeira e o Gymnastica Nacional, percebe-se indícios de uma diminuição da importância da peneiração, movimentação essencial dessa capoeiragem. O Guia do Capoeira começa apresentando as duas posições iniciais, nomeadas respectivamente prompto e chato, no prompto:

> Dá-se o flanco esquerdo para o adversário á distância de 1 metro, ficando as pernas abertas, o pé direito afastado do esquerdo 0,20, joelhos um pouco curvos, a parte superior do corpo, inclinada alguma coisa para traz, e o peso do mesmo sôbre a perna direita.
> A vista sempre sobre os olhos do adversário, os braços estendidos naturalmente, porém dotados de muita rapidez quando preciso fôr (GUIA..., 1907, p. 4-5).

Já no Gymnastica Nacional, a guarda é descrita da seguinte forma:

> A primeira posição da capoeiragem é a guarda. [...]
>
> Preparar! Attenção! Em guarda!
>
> Leva-se á riba o corpo num aprumo natural, em atitude nobre e erecta, oitava-se á direita ou à esquerda. Tira-se a perna á retaguarda. Guardada a linha, dobram-se os joelhos, cahindo, porem, naturalmente a perna dianteira, fixando-se o tronco firmemente, sobre a retaguarda, descansando todo o peso do corpo sobre a perna de traz. O peito, amplamente para a frente do adversário, como querendo impellil-o paratraz. Os dedos, em linhas quebradas e separados entre si. Os dentes cerrados.A cabeça bememquadrada sobre os hombros. Os olhos fixos, nos doadversario.Ergam-se depois os calcanharesno momento da acção, aguentando-se o peso do corpo na ponta dos pés.
>
> Eis ahi a guarda.Eis no seu conjuncto a primeira posição, nobre e leal, darainha das gymnasticas nacionaes,com a qual, armadose defendidos por uma perfeita e bôaintelligencia, poderemos accommetter os demonios.(BURLAMAQUI, 1928, p. 22-23).

O prompto nada mais é que a guarda apresentada por Zuma, ainda que se note diferenças, a guarda de Zuma é feita na ponta dos pés e as mãos em uma posição defensiva, enquanto no Guia não menciona esse detalhe dos pés e diz para deixar os braços estendidos. Já para o peneirar ou pentear,Zumaescreveu apenas: "Joga-se os braços e o corpo em todos os sentidos em ginga, de modo a perturbar a attenção do adversário preparar melhor o golpe decisivo" (BURLAMAQUI, 1928, p. 42). No jornal A Noite, em seu número 3808, publicou um artigo chamado Navalha, faca, Santa Casa, delegacia e o outro fugiu, onde contou o caso de uma briga entre Sebastião Andrade e um Octavio de tal, na qual Manoel Coimbra decidiu intervir a favor do seu amigo e os:

> Saltos de capoeiragem, golpes de “jiu-jitsu”, corridinhas para deante e para tráz, gestos de tapeação e outras acrobacias atrapalhavam de tal fôrma o Manoel Coimbra, que este, ao invés de navalhar o Octavio, foi golpear Sebastião, o seu amigo, ferindo-o no pescoço (NAVALHA, 1922, p. 5).

Pela descrição de Zuma, isto bem poderia ser a peneiração. Outro exemplo, está na revista Kosmos na explicação logo abaixo da imagem de Kalixto chamada justamente “A Peneiração”, ele conta: “Com pouco vi um cabra peneirando na minha frente; dansei de velho, o typo era bom! Sambou e entrou no cateretê commigo” (A CAPOEIRA, 1906, p. 57).Lussac (2016) afirma que “o termo ‘dansar de velho’ é exclusivo da capoeiragem e corresponde aos passos que antevem os golpes durante uma luta” (LUSSAC, 2016, p. 162), este seria outro termopara nomear a peneiração então, uma vez que Zuma deixa muito claro que o objetivo da peneiração é preparar o “melhor golpe decisivo” (BURLAMAQUI, 1928, p. 42).

Enfim, analisando o Guia do Capoeira, nota-se que as negaças apresentadas são utilizadas sempre antes de introduzir o golpe em si, assim a descrição do tapa começa com: “Se o adversário nos apresentar tôda a sua frente em somente o flanco esquerdo, faremos a quarta negaça, proccedendo à primeira com o fim de tapeal-o”. Tendo em vista a definição de negaça, o ato de negacear, que é “ludibriar, enganar” (FRANCO; HOUAISS; VILLAR, 2015, p. 664), não é absurdo afirmar que a peneiração é constituída das negaças, ainda assim essas movimentações tão essenciais à prática da capoeira foram suprimidas no Gymnastica Nacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra capoeira pode ser definida de muitas formas, dentre as definições encontra-se o jogo-luta brasileiro capoeira, é nesta, porém, que se encontra a maior parte dos significados, pois, para seus praticantes, trata-se de uma prática muito plural e muito mais ampla do que um mero esporte ou mais uma arte marcial. Mestre Toni Vargas tentou traduzir isso em uma música:

> Uma vez perguntaram a Seu Pastinha/ O que é a capoeira?/ E ele/ Mestre velho e respeitado/ Ficou um tempo calado/ Revirando a sua alma/ Depois respondeu com calma/ Em forma de ladainha/ A capoeira/ É um jogo, é um brinquedo/ É se respeitar o medo/ E dosar bem a coragem/ É uma luta/ É manha de mandingueiro/ É o vento no veleiro/ É um lamento na senzala/ É um corpo arrepiado/ Um berimbau bem tocado/ O sorriso de um menininho/ A capoeira/ É o voo de um passarinho/ Bote de cobra coral/ Sentir na boca/ Todo o gosto do perigo/ E sorrir para inimigo/ Ao apertar a sua mão/ É o grito de Zumbi/ Ecoando no quilombo/ É se levantar de um tombo/ Antes de tocar o chão/ É o ódio/ E a esperança que nasce/ Um tapa explodiu na face/ Foi arder no coração/ Enfim/ É aceitar o desafio/ Com vontade de lutar/ Capoeira é um pequeno navio/ Solto nas ondas do mar (MESTRE TONI VARGAS OFICIAL, 2020).

Essa música traz muito do sentimento e da complexidade da prática da capoeira na percepção dos capoeiristas, trazendo sentimentos atemporais na capoeira, que, desde seu início, é chamada de jogo, jogo perigoso, mesmo a pernada carioca, que queria mais derrubar o oponente do que acertar um

chute, através da entrevista com os batuqueiros do Diário da Noite, Lussac (2016) diria que João Mina, certa feita, matou um batuqueiro com um rabo de arraia. Ela é contraditória, é alegria, mas também é ódio quando o tapa explode na face, de que outra forma explicar o texto de Rugendas sobre a capoeira quanto a fácil transformação da brincadeira em luta de morte (SOARES, 1998)?

Como buscou-se demonstrar, os dois autores dos dois manuais da capoeira carioca eram figuras ilustres na sociedade ou, ao menos, próximos à elite carioca e, ambos, buscaram uma sistematização da capoeira. Se o Guia do Capoeira repete os mesmos discursos dos entusiastas da capoeira, como uma luta que não usa armas e que é defensiva, Zuma traria em sua justificativa para sistematizá-la os mesmos discursos dos entusiastas da elite afirmando que, uma vez sistematizada e regrada, era tão saudável quanto qualquer outro esporte.

Para a elite de forma geral, quando a capoeiragem não era vista como um estorvo a ser eliminado, ela estava decadente, adulterada, desaparecendo, a capoeiracomo era naquele momento, não servia como o esporte brasileiro, ela devia ser adaptada, regrada. Logo,Zuma se viu na obrigação de fazê-lo e buscou escrever um manual, mais completo do que o Guia do Capoeira em alguns aspectos, de muitas maneiras Zuma utilizou da filosofia antropofágica ao criar um uniforme e um campo de luta, adaptar as regras do box e determinar uma apresentação dos lutadores, mas buscando manter tudo o que era inerentemente brasileiro.

Conscientemente ou não, acabou por excluir elementos que eram culturais da capoeira, mesmo que não tenha desnacionalizado-a tornando o ponta-pé, football, ou o soco, box, para dar a etiqueta de Made in England como sugerira ironicamente Celso Vieira, ele excluiu a música, os rituais e, talvez até movimentos ligados à própria percepção de como jogar capoeira, haja vista que a peneiração, ideia de tamanha importância que era feita no início de lutas para testar e desafiar alguém como visto no texto de Kalixto, é o equivalente a ginga atual e que a ginga não é usada nos ringues, enquanto a posição dos braços é clara influência do box.

Nesse contexto, torna-se muito revelador o apagamento do mestre Raphael Lóthus, pioneiro no Rio de Janeiro na sistematização da capoeira e o primeiro a chamá-la de Gymnastica Nacional, ele que era de origem mais humilde e negro, muito diferente dos alunos de Sinhôzinho, que, como o próprio afirmara, seriam, portanto, muito melhores do que um dos capoeiras batuqueiros pela simples condição financeira.Em sua fala, Sinhôzinho expressou muito bem o ideal da elite posto em prática logo no início da República, o de ir em rumo ao progresso e eliminar tudo aquilo que não fosse condizente com o ideal de sociedade que se tinha, especialmente o conhecimento popular, algo simplório, charlatão, meramente folclórico.

Destarte, fica claro que havia, no início do século XX, duas capoeiras no Rio de Janeiro, uma, a mais recente, a capoeira metodizada e regrada, a capoeira esportiva como chamou Lussac (2016), que trouxe elementos novos e excluiu antigos para fugir do preconceito, a outra, de tempos imemoriais,

parafraseando É de rua de mestre Capu (2020), era a capoeira de rua e de Lua que descendia das maltas e que, após tanta perseguição e adaptações necessárias para sobreviver, seguia a brotar pelo chão, “até porque ela é indomável, ‘livre como o vento’, um poço sem fundo’, ‘uma caixinha de segredos’...” (LOPEZ, 2002, p. 104).

REFERÊNCIAS

A ARTE da defeza pessoal. In:Revista da Semana. Rio de Janeiro: ano XXII, n. 25, p. 13-14, 18 de jul. de 1921.

ABREU, Frederico José de. O Batuque: A luta braba. Salvador: Instituto Frede Abreu, 2014.

A CAPOEIRA. Kosmos Revista Artística, Scientifica e Literaria, Rio de Janeiro, ano III, v. 3, n. 3, p. 57-60, mar. de 1906.

ANJOS, Eliane Dantas dos. Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira: Um Estudo Término-Lingüístico. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

A VICTORIA do Jogo Brasileiro – Capoeira "Versus" Jiu-jitsu. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano IX, n. 472, p. 7-8, 30 de mai. de 1909.

BELTRÃO, Mônica. Capoeira em cena:entre navalhas e memórias. 1. ed. Olinda: Nova Presença, 2020.

BURLAMAQUI, Anníbal Zumalacaraguhi de Menk. Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada por Aníbal Burlamaqui (Zuma). ed. 1. Rio de Janeiro, 1928.

CAPOEIRAGEM. A Noite, Rio de Janeiro, p. 6, de 01 de set. de 1922.

CÔRREA, Eduardo; SILVA, Elton. Muito antes do MMA: O legado dos precursores do vale tudo no Brasil e no mundo (1845-1934); parte I: As artes marciais formadoras do vale tudo. Print Replica: Edição dos Autores, 2020.

CUNHA, Pedro Figueiredo Alves da. Capoeiras e Valentões na História de São Paulo (1830-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GUIA do Capoeira ou Gymnastica Brazileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Nacional, 1907.

GYMNASTICA Brasileira. A Noite, Rio de Janeiro, p. 9, 05 de fev. de 1926.

FRANCO, Francisco Manoel de Mello;HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

LOPEZ, André Luiz Lacé. A Capoeiragem no Rio de Janeiro, primeiro ensaio Sinhozinho e Rudolf Hermany. 1. ed. Rio de Janeiro: Textos & Forma Ltda., 2002.

LUSSAC,Ricardo Martins Porto. Entre o Crime e o Esporte: A capoeira em impressos no Rio de Janeiro, 1890-1960. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MESTRE Capu & Gingado Capoeira - Tema. É De Rua. YouTube, 07 de jan. de 2020. (1m41s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YNy8FvLvb6I>. Acesso em: 28/02/2023.

MESTRE TONI VARGAS OFICIAL. Mestre Toni Vargas Cantigas " Uma vez perguntaram a Seu Pastinha " e " A medalha da história ". YouTube, de 29 de jun. de 2020. (12m51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zXA6Ece5kRE>. Acesso em: 28/02/2023.

MILANI, Luciano. Capoeiragem: O Nosso Jogo!. Portal Capoeira,2005. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/publicacoes-e-artigos/capoeiragem-o-nosso-jogo/>. Acesso em 10 fev. 2023.

MOURA, Jair Fernandes de. A Capoeiragem no Rio de Janeiro Através dos Séculos. ed. 2. JM Gráfica e Editora Ltda: Salvador, 2009.

NAVALHA, faca, Santa Casa, delegacia e o outro fugiu. A Noite, Rio de Janeiro, p. 5, 11 de jul. de 1922.

O JIU-JITSU é bom... Mas a capoeiragem é melhor – disse-nos Sinhôzinho. A Noite, Rio de Janeiro, 14 de nov. 1931. p. 11.

O QUE É A CAPOEIRAGEM? A origem do termo; os seus golpes. A Noite, Rio de Janeiro, p. 4, 31 de jan. de 1916.

O QUE É A CAPOEIRAGEM? Rehabilite-se esse jogo nacional. A Noite, Rio de Janeiro, p. 2, 09 de jan. de 1916.

OS GUARDAS civis vão aprender o jiu-jitsu: Uma aula de experiencia na Polícia Central. A Noite, Rio de Janeiro, p. 3, 19 de mai. de 1915.

PEDERNEIRAS, Raul Paranhos. A Defeza nacional. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 19, p. 29, 1921.

PEREIRA, Celso Vieira de Matos Melo. A NOBRE ARTE. A Noite, Rio de Janeiro, p. 12, de 31 de jan. de 1935.

SILVA, Sidmar Estevam Maia e. Arte: Ensino Médio, Volume Único: Livro Único: linguagens, códigos e suas tecnologias. Belo Horizonte: Editora Educacional, 2017

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A Capoeira Escrava no Rio de Janeiro – 1808-1850. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A Negrada Instituição: Os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.